

Maduro: inimigos querem ‘roubar’ petróleo do país

Sem citar os EUA, líder venezuelano falou em “agenda de ameaças”

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, disse na sexta-feira que ações contra o país visam “justificar uma guerra, uma mudança de regime” para “roubar” as reservas de petróleo do país. Sem citar diretamente Donald Trump ou os Estados Unidos, Maduro disse que está sendo imposta à Venezuela “uma agenda permanente de ameaças, de guerras. Ameaças militares, guerras psicológicas.”

O objetivo, segundo Maduro, é “justificar uma guerra, uma mudança de regime e nos roubar a riqueza imensa petrolífera”. A declaração aconteceu durante o Encontro Parlamentar do Grande Caribe em Defesa da Paz, que reúne parlamentares latinos em Caracas, capital venezuelana. O deputado federal Orlando Silva (PCdoB-SP) era o único representante do Brasil presente no encontro.

“A verdade é que a Venezuela é inocente. E tudo o que se está fazendo contra a Venezuela é para justificar uma guerra, uma mudança de regime e nos roubar a riqueza imensa petrolífera, que é a maior reserva petrolífera e a quarta reserva de gás do mundo. Sem Venezuela não haveria petróleo.”

O presidente venezuelano também disse que seu país quer paz. “Chega de ameaças. Chega de fascismo. Respeito ao direito à paz



VENEZUELAN PRESIDENCY/HANDOUT/AFP/IC

“Chega de guerras”, afirmou Maduro durante encontro em Caracas

dos povos da América e dos povos do mundo. Chega de guerras. União e paz é o que queremos.”

Por sua vez, o presidente norte-americano Donald Trump afirmou, na sexta-feira, que não considera ordenar ataques dentro da Venezuela. Questionado por jornalistas a bordo do avião presidencial se avalia a possibilidade de ataques em solo venezuelano, Trump foi monossilábico: “Não”.

Em outubro, Trump confirmou ter autorizado a CIA, a agência de espionagem dos EUA com histórico de interferência na América Latina, a fazer operações secretas e letais com o objetivo de derrubar Maduro do poder. Em conversa com a imprensa na Casa Branca, no último dia 15, o repu-

blicano disse que o país sul-americano “está sentindo a pressão” e, não descartou operações em terra.

Nas últimas semanas, a tensão entre Venezuela e Estados Unidos escalou. Os dois países já tinham desavenças políticas, mas discursos e demonstrações de força têm se tornado mais recorrentes. Os EUA realizaram operações secretas da CIA e enviaram militares à região. Maduro tem acusado Trump de espalhar desinformação e tentar interferir na soberania de seu país. Além disso, os EUA atacaram barcos na região do Caribe e do Oceano Pacífico, descrevendo as ações como operações de combate ao tráfico. Pelo menos sete barcos foram bombardeados desde setembro.

Israel diz que corpos não são de reféns e retoma ataques contra Gaza

/ GUERRA

Israel afirmou que os três corpos recebidos do Hamas na sexta-feira, por meio da Cruz Vermelha, não pertencem a nenhum dos 11 reféns cujos restos mortais ainda não foram devolvidos pelo grupo terrorista. O anúncio foi feito neste sábado, após a conclusão das análises feitas no instituto forense de Abu Kabir, em Tel Aviv.

Em comunicado, a facção afirma que, diante da incerteza da identidade dos corpos, ofereceu às autoridades israelenses amostras dos três cadáveres para que exames fossem feitos antes da devolução, mas que Tel Aviv recusou e insistiu pela entrega dos restos mortais completos.

Também neste sábado, o Exército israelense atacou a Faixa de Gaza com disparos e ataques aéreos nos arredores de Khan Yunis, segundo autoridades locais ouvidas pela agência de notícias AFP. É o terceiro bombardeio desde o cessar-fogo firmado no dia 10 de outubro, em um acordo impulsionado pelos Estados Unidos, sob a acusação de que o Hamas viola a trégua por não entregar os corpos.

O cessar-fogo determina a devolução de todos os reféns, vivos e mortos, a Israel em troca da libertação de centenas de prisioneiros palestinos. O Hamas soltou 20 sobreviventes no dia 13 de outubro, mas atrasou a entrega de corpos e irritou Tel Aviv, pressionada também por familiares que exigem medidas enérgicas para forçar o grupo terrorista a cumprir o acordo.

Até agora, a facção devolveu

os restos mortais de 17 dos 28 mortos sob a justificativa de que há dificuldade para localizar corpos entre os escombros de Gaza. De acordo com a Cruz Vermelha, há a possibilidade de alguns corpos nunca serem encontrados. Segundo a ONU, 78% de todas as estruturas no território foram destruídas ou danificadas por bombardeios.

Permanecem em Gaza os cadáveres de dez pessoas sequestradas em 7 de outubro de 2023, incluindo dois cidadãos estrangeiros, e o corpo de um soldado morto durante uma guerra em 2014.

Israel já acusou o grupo terrorista de forjar recuperações e conhecer a localização da grande maioria dos corpos restantes dos reféns e protelar propositalmente. Já o Hamas, em declaração deste sábado, disse que está pronto para continuar a trabalhar na “extração dos corpos dos inimigos dentro da linha amarela”, referindo-se às áreas de Gaza sob controle do Exército israelense.

“As Brigadas Al-Qassam exigem que os intermediários e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha forneçam e preparem equipamentos e equipes necessários para recuperar todos os corpos simultaneamente”, disse o grupo em referência ao seu braço armado.

Não há previsão de quando o Hamas devolverá os 11 cadáveres restantes ou a quantos deles o grupo tem acesso. Na quinta-feira, a facção devolveu os restos mortais de Amiram Cooper, 84, e Sahar Baruch, 25, marcando a primeira vez em mais de uma semana que entregou corpos de reféns.

Ucrânia afirma ter atingido oleoduto perto de Moscou que abastece forças russas

As forças ucranianas atingiram um importante oleoduto na região de Moscou que abastece o Exército russo, informou o serviço de inteligência militar da Ucrânia neste sábado. O ataque ocorre em meio a uma campanha russa de bombardeios massivos com drones e mísseis à infraestrutura energética da Ucrânia.

A operação foi realizada na noite de sexta-feira, de acordo com um comunicado no canal de mensagens Telegram. A agência, conhecida pela sigla HUR, descreveu o ataque como um “golpe sério” à logística militar da Rússia.

A HUR disse que suas forças atingiram o oleoduto Koltsevov, que se estende por 400 quilômetros e abastece o exército russo com gasolina, diesel e combustível

de aviação proveniente das refinarias de Ryazan, Nizhny Novgorod e Moscou. A operação, que teve como alvo infraestruturas perto do distrito de Ramensky, destruiu as três linhas de combustível, informou a HUR. O oleoduto tinha capacidade para transportar até 3 milhões de toneladas de combustível para aviões, 2,8 milhões de toneladas de diesel e 1,6 milhão de toneladas de gasolina por ano.

“Nossos ataques tiveram mais impacto do que as sanções”, disse Kyrylo Budanov, chefe da HUR, referindo-se às sanções internacionais impostas à Rússia por causa de sua guerra total e da invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022.

Enquanto isso, o Ministério da Defesa da Rússia afirmou no sábado que suas forças derrotaram

uma equipe das forças especiais ucranianas enviada às pressas para a linha de frente oriental em Pokrovsk, numa tentativa de impedir que as tropas russas avançassem ainda mais na cidade.

A Rússia e a Ucrânia apresentaram versões conflitantes sobre o que está acontecendo em Pokrovsk, um importante reduto ucraniano na região oriental de Donetsk. O presidente russo, Vladimir Putin, afirmou na semana passada que suas forças cercaram os defensores ucranianos da cidade.

Mas o porta-voz das forças ucranianas no leste, Hryhorii Shapoval, disse à AP na semana passada que a situação em Pokrovsk é “difícil, mas sob controle”. Na sexta-feira, o presidente ucraniano

Volodymyr Zelensky reconheceu que algumas unidades russas se infiltraram na cidade, mas insistiu que a Ucrânia está eliminando-as.

Em outro local, um civil morreu e outros 15 ficaram feridos depois que a Rússia atacou o sul da Ucrânia com um míssil balístico na manhã deste sábado, disse o funcionário local Vitaliy Kim. Outro ataque russo no início da manhã de sábado provocou um incêndio em uma usina de gás na região central de Poltava, informou o serviço de emergência da Ucrânia.

Kiev não comentou imediatamente a última afirmação do Ministério da Defesa russo. Mas Zelensky disse na semana passada que a Rússia havia enviado cerca de 170 mil soldados para a região

de Donetsk, no leste da Ucrânia, onde fica Pokrovsk, em uma grande ofensiva para capturar a cidade e reivindicar uma importante vitória no campo de batalha.

Um objetivo fundamental para Moscou tem sido tomar todo o coração industrial da Ucrânia, Donbas, composto pelas províncias orientais de Luhansk e Donetsk. Kiev ainda controla cerca de um décimo da região rica em carvão.

Os últimos ataques ocorreram enquanto a Rússia mantém ataques massivos com drones e mísseis contra a infraestrutura energética da Ucrânia - ataques que causaram cortes de energia e restrições em toda a Ucrânia no início desta semana, no que Kiev descreveu como um “terror energético sistemático”.